CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MEDO NO CONFLITO COLOMBIANO

The Social Construction of Fear in the Colombian Conflict

Aline Passuelo de Oliveira¹

Resumo: O conflito instalado na Colômbia desde a metade do século passado é o pano de fundo para a discussão que este artigo se propõe a realizar. A Colômbia é um dos países com o maior número de deslocados internos e refugiados. Este dado demonstra a centralidade do conflito na vida social do país. O artigo que segue tem o objetivo de aprofundar teoricamente um dos aspectos subjetivos para a concessão de refúgio, conforme definido pela Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados: o bem fundado temor de perseguição. Inicia pontuando alguns fatos da história colombiana recente que permitem compreender o conflito e os deslocamentos forçados produzidos por este. A partir desta contextualização é abordado o medo como construção social e elemento socializante e, por fim, como se expressa o medo da violência na Colômbia.

Palavras-chave: Migrações internacionais. Refugiados. Conflito colombiano. Medo. Socialização.

Abstract: The armed conflict waging in Colombia since the 1950s is the backdrop for the discussion proposed by this article. Colombia has one of the largest numbers of internal migrators and refugees in the world, which demonstrates the

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Pesquisadora do tema das Migrações e Deslocamentos Forçados. Socióloga Voluntária no Grupo de Assessoria a Migrantes e a Refugiados/GAIRE do Serviço de Assessoria Jurídica/SAJU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: alinepassuelodeo@yahoo.com.br

central role played by the conflict in the country's social agenda. The following article's objective is to provide a theoretical insight on one of the subjective criteria for the concession of refugee status, as it is defined by the 1951 Refugee Convention: the well-founded fear of being persecuted. It starts by pointing out recent facts of Colombian history, to provide understanding of the conflict and the forced people's movements it begets. From the comprehension of this scenario, a discussion of fear as a social construction and socializing factor. In closing, how fear of violence expresses itself amongst Colombians.

Keywords: International migrations. Refugees. Colombian conflict. Fear. Socialization.

INTRODUÇÃO

O conflito instalado na Colômbia desde a metade do século passado é o pano de fundo para a discussão que este artigo se propõe a realizar. A Colômbia é um dos países com o maior número de deslocados internos e refugiados do mundo. Esse dado demonstra a centralidade que tal conflito possui na vida social do país e, também, como a temática das migrações está presente no cotidiano de sua população. Este artigo é fruto da dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2012) que buscou, a partir do resgate de seis trajetórias de vida de refugiados colombianos que foram reassentados no Rio Grande do Sul através do Programa de Reassentamento Solidário da Associação Antônio Vieira (ASAV) em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), identificar como o medo

socialmente construído pela presença do conflito influenciou suas vidas a ponto de precisarem empreender percursos migratórios diversos. O estudo foi realizado com deslocados colombianos que pediram refúgio no Equador e necessitaram buscar um terceiro país para serem reassentados, nesse caso o Brasil e, mais especificamente, o Rio Grande do Sul. As trajetórias de vida foram traçadas a partir de entrevistas em profundidade e posterior análise de conteúdo destas. Três questionamentos conduziram a investigação, a saber: como viver em um país em que há um conflito prolongado influencia no processo de socialização dos indivíduos? Como o medo socialmente construído pela constante presença e ameaça de tal conflito conforma a trajetória dos indivíduos e faz com que a migração seja uma estratégia presente em suas vidas? E, por fim, como o medo continua operando e mobilizando a vida dos refugiados reassentados?

A partir disto, o artigo que segue tem o objetivo de aprofundar teoricamente um dos aspectos subjetivos para a concessão de refúgio, conforme definido pela Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados: o bem fundado temor de perseguição. A presença de um critério tão subjetivo e complexo nos procedimentos para a concessão de refúgio parece que traz consigo um elemento que humaniza um processo que à primeira vista é tão burocrático. Para dar conta disso, este artigo inicia pontuando alguns fatos da história colombiana recente que permitem compreender o conflito e os deslocamentos forçados produzidos por este. A partir desta contextualização, é abordado o medo como construção social e elemento socializante e, por fim, o medo da violência em uma situação de conflito prolongado abordando o caso específico da Colômbia.

Breves comentários sobre a história colombiana recente: conflito e deslocamentos forçados

Segundo o relatório “*Déjennos en paz!*” da Anistia Internacional (2008), nos últimos 20 anos, 70.000 pessoas morreram em consequência do conflito na Colômbia. Entre 3 a 4 milhões foram obrigadas a deslocar-se de seus lares, estima-se ainda que entre 15.000 e 30.000 desapareceram e, nos últimos

10 anos, 20.000 foram sequestradas ou tomadas como reféns. Assim,

[...] esta é só uma parte do quadro. A Colômbia segue sendo um país em que milhões de civis, especialmente os que vivem nas zonas rurais, fora das grandes cidades, seguem sendo os mais castigados por este conflito violento e prolongado. Suas vozes são silenciadas de maneira crescente porque suas histórias vividas e convincentes minariam a versão oficial de que este é um país que superou em grande medida seu passado sangrento (ANISTIA INTERNACIONAL, 2008, p. 16) (tradução nossa)

A partir da leitura destes dados se questiona: que sucessão de fatos contribuiu para este verdadeiro colapso pelo qual passa a Colômbia? Sem dúvida, muitos são os elementos que podem ser elencados para dar conta desta complexa realidade e o objetivo não seria esgotá-los, mas sim contribuir com alguns fatos e questões que deem um panorama disto.

A compreensão dos principais fatos históricos colombianos do século XX e a atual situação política do país é possível a partir da leitura de dois importantes teóricos: Daniel Pécaut, sociólogo francês e Maria Teresa Uribe de Hincapié, socióloga colombiana. Através de seus trabalhos vemos alguns dos fatos que contribuíram para que a Colômbia contabilizasse, na primeira década deste século, cerca de três milhões de deslocados internos e milhares

de solicitantes de refúgio nos países vizinhos (ACNUR, 2011). Além destes dois autores, os trabalhos de Barreneche Corrales (2007) e Estrada Mejía (2010) também foram utilizados para dar conta deste mapeamento histórico.

O passado dos países latino-americanos sempre esteve repleto de histórias doloridas, já que estes foram todos colonizados, conquistados e saqueados. Talvez por isto a Colômbia tenha se formado e surgido dentro da violência e não o contrário. A sucessão de guerras terminaria gerando um verdadeiro imaginário coletivo, que inclusive levaria muitos colombianos a afirmar que a violência seria inerente à sua história ou, até mesmo, à sua natureza. De fato, ao longo desta trajetória histórica se evidencia uma tensão entre ordem e violência, que nada mais são que as duas faces do mesmo processo. Esta histórica violência estaria ligada aos insistentes esforços de construção de uma ordem, talvez explicada pela tímida presença do Estado na sociedade.

Este estado de guerra prolongado presente na Colômbia demonstra que o controle do território é o que sempre esteve em jogo, revelando a existência de domínios de terra contra e paraestatais que colocam em xeque a soberania do Estado. A ausência de soberania tem como consequência as confrontações civis. No caso colombiano, a soberania sempre esteve em disputa por grupos armados de diversas

tendências ideológicas, localização territorial e categoria social.

O país sempre foi dividido entre duas culturas políticas: a do Partido Liberal, que enfatizava a soberania popular e a do Partido Conservador, cuja crença sempre foi de que os princípios religiosos constituem a base da ordem social. A lealdade partidária implicava em duvidar da noção de unidade nacional. Assim, a aliança e alternância no exercício do poder marcariam com a mesma intensidade a cultura política colombiana. Além disto, tanto a fragmentação quanto a ocupação do território colombiano influíram e influem na estabilidade e na violência. Devido a sua geografia peculiar, para atravessar o país é necessário superar alturas de três mil metros, onde a presença do Estado em áreas fronteiriças é quase inexistente. Esta fragmentação espacial trouxe como consequência a consolidação de diversas elites. Os fatos sintomáticos que norteiam a história deste país são a colonização permanente e a violência incessante. O que se vive ainda hoje é, portanto, consequência do que aconteceu na história da Colômbia a partir do século XX, a saber:

- **Massacre das Bananeiras (1928):** surgimento do movimento operário-camponês. Greve geral dos trabalhadores da *United Fruit Company* contra as más condições de trabalho na zona bananeira. A empresa não negociou com os grevistas, o governo ofereceu apoio

militar à empresa e expediu o decreto legislativo número um, que ordenava a dissolução de toda reunião com mais de três indivíduos (BARRENECHE CORRALES, 2007).

• ***La Violencia (1945-1957)***: sucessão de fatos que mais marcou a história coletiva do país. Em 1945, começou a desenhar-se a estratégia dos conservadores de aplicar um plano de violência de “baixa intensidade” nos campos e povoados, para impedir o triunfo eleitoral do caudilho liberal Jorge Eliécer Gaitán Ayala, desmobilizar as massas, anular a capacidade de resistência e recuperar o controle da terra para o grande latifúndio. O ímpeto revolucionário das massas diluiu-se rapidamente e o país ficou a mercê de uma violência geral. Começaram a ser organizados grupos de autodefesa armada para proteger a população civil, entre eles as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC. “*La Violencia*” evoluiu para o que hoje se chama conflito armado e gera ainda o deslocamento forçado da população (BARRENECHE CORRALES, 2007).

• ***El Bogotazo (09/04/1948)***: assassinato de Jorge Eliécer Gaitán Ayala, que era um verdadeiro caudilho e despertava a admiração do povo. A notícia da morte do chefe do liberalismo espalhou-se pelo país e a revolta explodiu em focos. Este assassinato mudou a história da Colômbia, pois significou a perseguição política dos liberais e

tornou evidente a crise de legitimidade do Estado. Como consequência da violência no campo, foram iniciados os primeiros deslocamentos para as cidades (BARRENECHE CORRALES, 2007).

• ***Marquetalia (nascimento das FARC – 1964)***: o exército colombiano, com assessoria norte-americana, invade uma região chamada Marquetalia (Departamento de Caldas), onde existia um pequeno movimento de autodefesas camponesas que haviam organizado uma espécie de governo autônomo, desconsiderando as normas do governo central. Os homens que conseguiram escapar desta investida do exército se reorganizaram e celebraram em 1966 uma conferência que dá o nome às FARC, elaborando um regulamento e criando uma nova estrutura orgânica e de mandos. A luta já não é só por terra, mas também pelo poder. Em 1983, após os primeiros “diálogos de paz” com o governo, as FARC expõem as bandeiras de um novo movimento político, a União Patriótica (UP) que, entre outras coisas, implantou um regime de terror no campo para minar a base social de guerrilha, forçando o deslocamento de pelo menos um milhão e meio de camponeses para as cidades a partir de 1985 (BARRENECHE CORRALES, 2007).

• ***Autodefesas e Paramilitarismo – CONVIVIR (1994)***: através de um decreto de 1994, as autodefesas são criadas para defender os fazendeiros e os novos ricos da extorsão que a guer-

rilha fazia. Eram grupos armados compostos por civis que prestavam apoio às forças militares. Em 1995 começam a ser chamadas de Convivir, isto é, cooperativas de vigilância e segurança privadas oficialmente destinadas a auxiliar as autoridades na luta contra os grupos armados ilegais. A principal crítica feita às Convivir foi a de fomentar o conflito entre civis e privatizar a manutenção da ordem pública, competência esta exclusiva do Estado (BARRENECHE CORRALES, 2007).

• **Narcotráfico e Sicariato (final dos anos 80):** a cultura e a ordem moral eram ditadas pelo dinheiro, pelo poder e pela droga e emergem, neste cenário, as figuras de Pablo Escobar, o cartel de Medellín e o cartel de Cali. No início dos anos 90, o governo declara guerra ao narcotráfico, perseguição a Pablo Escobar, seu assassinato e a detenção de muitos membros dos cartéis. O cartel de Medellín praticava o terrorismo e o cartel de Cali a corrupção. Logo surgiu a guerra entre cartéis. Surgem também, os sicários, homens vindos do deslocamento do campo para a cidade, fruto da violência anterior, que eram cooptados pelo narcotráfico, seduzidos por uma promessa de vida melhor. Era o braço armado dos cartéis terroristas, gerando a formação de gangues que agiam como máfias dentro deste contexto (BARRENECHE CORRALES, 2007).

Estes episódios podem ser explicados também por uma falta de uma

regulação social global. Os vínculos sociais teriam sido conduzidos por relações de força e isso possibilitaria com frequência o surgimento de conflitos violentos. Podemos dividi-los em quatro estratos do conflito colombiano. O primeiro estrato correspondeu à época da “*La Violencia*”, que implicou num processo de deslocamento populacional acelerado. O dispositivo que possibilitaria as modificações demográficas seria de origem política e teria como ferramenta a guerra. O segundo estrato foi marcado por esquemas revolucionários expressados no desejo de se definir como minorias ativas. Já em um terceiro estrato houve a radicalização das guerrilhas. E, finalmente, o quarto estrato é baseado na ênfase da acumulação de meios econômicos através, também, da corrupção e do tráfico ilegais e do terrorismo.

Atualmente, a camada mais recente do conflito é marcada pela desterritorialização de maneira exponencial e insólita. Em muitos casos, a população é forçada a abandonar o território para poder sobreviver ao prolongamento deste estado de guerra, trazendo como consequência milhares de deslocados internos, além de migrantes e refugiados em países vizinhos ou mais longínquos. Uma parcela desta população busca as favelas das grandes cidades como Bogotá, Cali e Medellín para recomeçar suas vidas (ESTRADA MEJÍA, 2010). Outros prosseguem suas trajetórias além das fronteiras nacionais, no desejo de

fugir das perseguições e ameaças. Neste movimento, os chefes da guerra local se apropriam de territórios e os incorporam como seus, concluindo um processo de reterritorialização. É importante salientar que o deslocado interno ou *desplazado*, como é denominado em espanhol, não se converte em uma pessoa de carne e osso que foge da violência, mas um objeto inscrito, classificado, verificado e, ainda mais, despolitizado e silenciado.

A crise econômica, política, social, militar e a generalização da violência no território colombiano contribuíram para a geração de um ambiente de insegurança e incerteza, no qual a migração surgiria como uma saída viável e até aconselhável para setores cada vez mais amplos da sociedade colombiana. Além destes fatores, outros dois contribuíram significativamente para gerar a migração massiva de colombianos: em um nível macro, a consolidação e a expansão do mercado internacional das drogas que favorecia a demanda de mão-de-obra para a operacionalização destes negócios e, em um nível micro estrutural, a consolidação e o amadurecimento das redes sociais transnacionais. No entanto, a partir de meados dos anos 80, o conflito armado na Colômbia se tornaria o pano de fundo do processo de deslocamento forçado interno, consequentemente externo, caracterizado pelo crescente número de municípios atingidos e pelo incremento das ações violentas.

Mesmo sendo grave e de grande expressão, o deslocamento forçado não foi avaliado a fundo seja por parte do Estado, quanto pela sociedade em geral. A partir desta década, ocorreu também uma progressiva desterritorialização da guerra, já que as cidades se tornaram também campos de batalha. A guerra se urbanizaria, acarretando o deslocamento intra-urbano, cujas consequências e dinâmicas são semelhantes às do contexto rural. A gradativa desterritorialização do conflito está atrelada a deterioração de suas expressões, seja de um ator ou outro.

O deslocamento forçado na Colômbia abrange também atores de outros setores, como o da economia da droga e o seu vínculo com grupos paramilitares ou guerrilheiros, a introdução nas instâncias políticas locais, a importância na concentração da propriedade da terra e na apropriação daquelas de onde são despejados os deslocados. Assim sendo, o deslocamento forçado constituiria uma estratégia para garantir o controle de territórios abundantes em biodiversidade, recursos petrolíferos, minérios ou férteis para plantações ilegais.

Segundo Estrada Mejía (2010), ao lançar um olhar sobre a história recente dos fluxos de viajantes forçados colombianos, fica claro que estes se caracterizam por serem massivos, contínuos, heterogêneos (social e regionalmente) e dirigidos a múltiplos destinos, mesmo no interior dos próprios países receptores, configurando o que alguns deno-

minam como diáspora colombiana. A partir da segunda metade da década de 90, estes fluxos atingiriam uma aceleração sem precedentes.

O período de 1965 a 1975 foi marcado pela fuga dos sobreviventes de “*La Violência*”, fruto do começo do conflito armado interno. O novo contexto emergido a partir de meados da década de 60 abriria as fronteiras dos Estados Unidos à imigração latino-americana, caribenha e asiática em geral, ao mesmo tempo em que acontecia uma aguda queda na imigração proveniente da Europa. Entre 1975 e 1985, ocorreria um importante fluxo migratório em direção ao Reino Unido, tendo em vista que o governo inglês autorizaria a entrada de mão-de-obra estrangeira não qualificada para trabalhar no então crescente setor de serviços comerciais, como hotelaria e restaurantes. Entre 1960 e 1980, a Europa continuaria sendo o destino principal das elites colombianas, embora novos atores tomassem o mesmo destino dessas elites: refugiados, políticos de esquerda, intelectuais, artistas e estudantes.

Em meados da década de 80 se registraria um fluxo significativo de pessoas de origem colombiana nos Estados Unidos que estaria relacionado com a queda do Produto Interno Bruto (PIB) do país e a acelerada expansão do tráfico de drogas. De 1996 em diante, se produz uma inusitada aceleração nos fluxos de migrantes de origem colombiana que está ligada a uma agudização do conflito interno

armado e à crise econômica do final do século. Segundo dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2011) do ano de 2008, há cerca de 4 milhões de colombianos no exterior, isto é, cerca de 9% da população nacional.

A população civil age de diferentes maneiras para buscar segurança para suas vidas e propriedades. Dependendo da região de origem, principalmente os que se encontram nas zonas rurais, muitos iniciam seus percursos se deslocando internamente. Assim, buscam regiões do país em que o conflito não esteja tão rigoroso no momento, rumando para as grandes cidades. Outros acabam buscando uma última solução, que seria a saída para outros países, muitas vezes fazendo o percurso que parentes e amigos anteriormente realizaram. Assim, o prolongamento do conflito acaba fazendo parte do cotidiano dos indivíduos, sempre sendo assunto das notícias, suscitando debates familiares e entre amigos. Em uma situação em que a violência se impõe e acaba modificando trajetórias de vida, um elemento surge como chave para compreender este intrincado fenômeno de migração forçada: o medo enquanto construção social.

O medo como construção social e elemento socializador

O historiador francês Jean Delumeau é precursor nos estudos sobre

como o medo é socialmente construído e busca na historiografia um meio para que isso seja demonstrado. Ao analisar as manifestações sociais do medo nos séculos XIV e XVIII, acaba por construir uma verdadeira história das mentalidades. Divide sua pesquisa em como os temores internos e externos originaram as noções sobre pecado, culpa e medo; como foi realizada a construção dos sentimentos de segurança e como isto está atrelado às práticas religiosas e, por fim, busca nas representações de felicidade e nas diferentes concepções de paraíso, isto é no outro lado da moeda, a formação dos medos.

Segundo Delumeau (2006):

[...] o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, ele é uma reação normal, uma fortaleza essencial, uma garantia contra os perigos e as surpresas ameaçadoras, um reflexo indispensável permitindo ao organismo se mobilizar e escapar – provisoriamente – da morte. (DELUMEAU, 2006, p. 12)

Assim, é um sentimento e uma reação esperada às ameaças vindas do exterior. No entanto, se observamos diferentes formações sociais, percebemos que assim como outras categorias constituídas para a compreensão do mundo, os medos são construtos sociais e suas características falam muito mais sobre o grupo em questão do que se imaginaria em uma análise superficial. Assim, estudar as diferentes dimensões dos medos, como a social, a cultural e a coletiva é uma fonte

bastante frutífera para a compreensão do social. Em Villa Martínez, Sanchez Medina e Jaramillo Arbelaéz (2003), o medo é assim definido:

[...] o medo é um sentimento que nasce da percepção de uma ameaça real ou imaginária. O que o gera é a consciência sobre um perigo que, se acredita, ameaça o sentido de conservação. Quer dizer, está mediado por processos cognitivos e de representação. Se um perigo não é percebido como ameaça, somente, embora exista objetivamente, não adquire o caráter de fonte de temor. (VILLA MARTÍNEZ; SANCHEZ MEDINA; JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p. 14) (tradução nossa)

Neste estudo, a utilização do conceito de medo enquanto construção social se justifica por conta de seu papel como um elemento socializador. Os sujeitos aprendem ao longo do processo de socialização, quando, como, a quê e a quem temer. Isso ocorre a partir de diferentes fontes, tais como: experiências próprias, experiências de outras pessoas, nos espaços cotidianos de socialização, nas representações que circulam pelos meios de comunicação, nas agendas globais que indicam quais são os problemas cruciais para a sociedade, nos saberes e crenças a partir dos quais são construídos os sentidos sociais, entre outros. Percebe-se que o processo de globalização abarca muito mais que elementos econômicos e culturais. É também uma globalização de discursos sobre o que se deve considerar ameaçador.

O processo de construção social do medo se ocupa em nomear algumas ameaças como fontes de medo, deixando outras de lado. A validação de tais discursos pressupõe a existência de um conjunto de respostas para enfrentar tal temor. Concomitante a isso, há a construção de uma ideologia baseada na intolerância e na vigilância constante, que permitem a formação de novos vínculos sociais ao redor do sentimento compartilhado de medo. Isto é, uma comunidade de sentido que produz uma espécie de solidariedade pelo medo e que estabelece uma oposição entre o “outro” ameaçador contra um “nós” protetor.

No entanto, o processo socializador baseado nos medos construídos envolve outro elemento chave: a incerteza. A incerteza é composta pelos medos concretos acrescidos de um clima de medo. O clima de medo torna a vida incerta, colocando o indivíduo numa situação de temor constante. Tal clima maneja com a combinação de diferentes medos e diferentes densidades de cada um. A vida se torna incerta na medida em que o indivíduo toma consciência de que há uma descontinuidade entre presente e futuro, uma impossibilidade de prever a partir do familiar, cotidiano e conhecido como poderá ser o amanhã (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA e JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p.17). Logo, o medo e a incerteza não são produtos somente de uma insegurança produzida por fenômenos

como a criminalidade, mas também de uma relação mais frágil e incerta com os homens e as coisas. Esta impossibilidade de compreender o que se passa, tornando o cotidiano algo que não se controla.

Nas pesquisas realizadas por Lira e Castillo (1991) no campo da psicologia política sobre o medo constituído na sociedade chilena no período da ditadura militar, as autoras observaram que o medo extrapola a dimensão psicológica e se afirma também como um processo de ordem política. Segundo estas autoras, as violações sistemáticas de direitos humanos se configuraram como ameaças permanentes e o efeito psicológico gerado é o desenvolvimento de um sentimento de medo generalizado e crônico. Desta maneira, o medo crônico deixa de ser uma reação específica a situações concretas e se transforma, praticamente, em um estado permanente na vida cotidiana. Logo, o medo enquanto ameaça constante se estabelece a partir de uma relação social específica definida por um contexto político. É um medo gerado na subjetividade de sujeitos concretos, uma experiência privada e socialmente invisível. Além disso, em situações em que milhares de sujeitos são ameaçados simultaneamente, a ameaça e o medo passam a fazer parte das relações sociais, incidindo na conduta e consciência do sujeito. Há uma verdadeira transformação na vida cotidiana dos sujeitos, isto é, o medo internalizado acaba por delimitar o espaço da existência dessas pessoas.

Assim, o medo opera e delimita o espaço da existência do sujeito, influenciando o processo de socialização em um clima permeado por ele.

O medo da violência em uma situação de conflito prolongado: o caso colombiano

O clima de medo e de instabilidade acompanham a realidade colombiana ao longo dos tempos. Isto pode ser observado através do breve apanhado dos fatos sobre a história recente do país e os dados sobre imigração para outros países. Segundo Osorio (2007):

os medos são individualmente experimentados, socialmente construídos e culturalmente compartilhados, e o medo da morte, por exemplo, continua estando presente com muita força em nossa cultura e sobretudo com a história da violência que se vive na Colômbia. (OSORIO, 2007, p. 185) (tradução nossa)

A extensiva presença do narcotráfico no país é determinante no processo de construção de grande parte dos medos coletivos na Colômbia. Segundo Villa Martínez, Sanchez Medina, Jaramillo Arbeláez (2003):

a percepção do narcotráfico como ameaça varia segundo se considerar como causa da violência, a crise de valores ou a decomposição moral da sociedade. A associação narcotráfico

– violência é evidente na memória de eventos que implicam morte, derramamento de sangue, destruição material e enfraquecimento do tecido social. (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p. 29) (tradução nossa)

Ao lado disto está o conflito armado que é também uma grande fonte de temor e incertezas. Não apenas pelas múltiplas ameaças que representa, como também pela impossibilidade de apreender tal fenômeno de maneira reflexiva, já que sua configuração é modificada tão rapidamente. Qualquer análise que pretenda compreender sua lógica, práticas e atores envolvidos é absolutamente frágil. Dentre as falas de refugiados sobre a maneira de atuação dos atores envolvidos no conflito, há muitos que citam os sequestros, reiterando que até mesmo a pessoa mais humilde pode ser alvo de tal prática:

pelas sequelas físicas e mentais, produto da privação da liberdade e as condições em que transcorre o cativo, os efeitos emocionais e morais na pessoa objeto do sequestro, nos familiares, amigos e chegados e pelos efeitos econômicos no patrimônio familiar, o sequestro adquire o caráter de uma experiência coletiva onde se mesclam diversos medos e uma sensação de incerteza que se pode prolongar por longo tempo. (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p. 40) (tradução nossa)

Outra prática comumente realizada pelos atores do conflito é a extorsão, ou cobrança de *vacuna*, como é popularmente conhecida. Consiste na cobrança, por parte de grupos armados, de um imposto que justificam como um pagamento pelos serviços de segurança que afirmam prestar. O não pagamento gera uma grande tensão nos indivíduos: “[...] o temor das represálias pelo não pagamento da ‘vacuna’ favorece a ação de quem extorque e leva a uma certa aceitação de sua inevitabilidade” (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELÁEZ, 2003, p. 41) (tradução nossa). Assim, a agressão física, a expulsão de suas terras e a morte são as estratégias utilizadas pelos atores armados que infundam o terror na população e pressionam o pagamento de tais cotas.

Em Osorio (2007), há uma menção ao surgimento dos sentimentos de incerteza e de ruptura. A combinação entre passado, presente e futuro é obstáculo à integração e a reconstrução dos projetos de vida dos refugiados. O rompimento das referências, ideais e metas, somados com a continuação dos temores e medos que levaram ao exílio, provocam importantes alterações físicas e psíquicas. Desta maneira: “a experiência de refúgio em si mesma é qualificada como de múltiplas perdas, em termos de perda de país, de status, de atividade, de pontos de referência cultural, de redes sociais, e, sobretudo de familiares” (OSORIO, 2007, p. 190) (tradução nossa).

Diante disto, é fácil compreender a necessidade de fuga e as incertezas que tudo isto traz consigo. Deixar o local onde se construiu a vida para seguir rumo ao desconhecido. O medo pode imobilizar ou fazer com que o sujeito se movimente. No entanto, mesmo que tenha um lado positivo, o temor, a desestabilização nos ritmos da vida cotidiana e a ruptura do tecido social, que por conta do histórico do conflito já são bastante frágeis, é apenas o início das perdas destes sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição clássica de refugiado contida na Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados explicita que será considerado refugiado o indivíduo que possua um “bem fundado temor de perseguição”. Isto é, para ser um refugiado é necessário que o indivíduo não apenas tema a perseguição, mas que tal sentimento seja deveras fundamentado e justificado. Assim, verifica-se que o medo é um dos pressupostos centrais desta definição jurídica e reiterado nos marcos legais posteriores a 1951 acerca da temática. Ser refugiado pressupõe ter medo. A ideia de que a definição universal é baseada em uma emoção foi destacada por Riaño-Alcalá e Villa (2008) e, quando transposta para a realidade dos refugiados, reafirma sua pertinência. O questionamento que fica é de como se maneja com um instrumento

tão formal e burocrático, que para sua aplicação pressupõe a presença quase que permanente na vida desse indivíduo de uma emoção tão complexa? Assim como o trabalho de Mondragón-Ríos (2007) acerca do conflito no departamento de Chiapas no México, se verifica no caso colombiano elementos similares. O principal é a centralidade da construção e da administração do medo na vida das populações locais.

O contexto histórico colombiano, de acordo com a longevidade do conflito e suas características próprias que lhe dotam de uma complexidade importante, consegue ser um exemplo bastante ilustrativo de como o medo é constituído socialmente e compartilhado. Como bem definem Sanchez, Villa e Jaramillo (2002) *apud* Riaño-Alcalá (2008), quando se referem ao medo como uma emoção que é experimentada individualmente, socialmente construída e compartilhada culturalmente. Assim, temer o conflito é algo naturalizado nesta sociedade e buscar a migração para outro país parece ser uma estratégia já incorporada por esta população.

A socialização em um clima de medo, presente nas diferentes esferas

da vida social da Colômbia dos séculos XX e XXI, acaba socializando seus indivíduos em um determinado modelo que torna recorrentes nas diferentes esferas da vida cotidiana temas como conflito, violência e deslocamentos. Sendo assim, mesmo que tal indivíduo troque de cidade, departamento ou país inúmeras vezes, levará em sua memória e reproduzirá reações e atitudes pautadas nas experiências pregressas de quando estava em um ambiente hostil e ameaçador.

O medo, ou melhor, o fundado temor de perseguição como um dos critérios subjetivos para a concessão do status de refugiado parece ser uma dimensão bastante profícua para analisar fluxos populacionais e seus trajetos. Por fim, a multiplicação de trabalhos que tratem de outras dimensões do fenômeno da migração é fundamental para que esta temática não fique restrita à análise de motivações econômicas e laborais. A ampliação do olhar para outras expressões deste fenômeno permitirá que novas dinâmicas e especificidades venham à tona. Desta forma, a violência e o medo gerado por ela contribuem para complexificar o quadro contemporâneo dos deslocamentos forçados.

REFERÊNCIAS

ACNUR/ALTO COMISSARIADO
DAS NAÇÕES UNIDAS PARA
REFUGIADOS. Situación Co-

lombia: Panorama Regional 2011
– Colômbia, Ecuador, Venezuela
y Panamá. Disponível em: <<http://>

- www.acnur.org/t3/operaciones/situacion-colombia/>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- BARRENECHE CORRALES, Johana. Refugiados Colombianos no Brasil: interpretações de suas travessias internas. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Campinas, 2007.
- DÉJENNOS EN PAZ! – LA POBLACIÓN CIVIL, VÍCTIMA DEL CONFLICTO ARMADO INTERNO DE COLOMBIA. Amnistía Internacional, 2008. Disponível em: <<http://www.amnesty.org/es>>. Acesso em: 25 jun. 2010.
- DELUMEAU, Jean. Uma pesquisa histórica sobre o medo: razões, explicações e conclusões. *Revista Multitextos*, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 0, n 3 “*O medo no Ocidente*”, p. 9.15, 2006.
- ESTRADA MEJÍA, Rafael Ignacio. Desterritorialização e resistências: viajantes forçados colombianos em São Paulo e Barcelona. Tese (Doutorado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Campinas, 2010.
- LIRA, Elizabeth; CASTILLO, Maria Isabel. Psicología de la amenaza política y del miedo. ILAS – Instituto Latino Americano de Salud Mental y Derechos Humanos. Santiago, Chile. Editorial Cesoc, 1991.
- MONDRAGÓN RÍOS, Rodolfo. La producción social del miedo: violencia, política y terror em la zona norte de Chiapas, México. Intertício, *Revista Sociológica de Pensamiento Crítico*, México, v. 1 n. 2, p. 139-157, 2007.
- NAÇÕES UNIDAS. Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/doc_refugiados.php>. Acesso em: 25 jun. 2006.
- OLIVEIRA, Aline Passuelo de. “*Tenemos miedo de nosotros mismos*” – A construção social do medo em uma situação de conflito prolongados: os refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, 2012.
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DE LAS MIGRACIONES (OIM) – Colômbia. Disponível em: <<http://www.oim.org.co>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

- OSORIO, Amantina. El miedo, la memoria histórica y las representaciones sociales de los refugiados colombianos em Québec, p. 167-200. In: RIAÑO ALCALÁ, Pilar; COLORADO, Martha; DÍAZ, Patricia; OSORIO, Amantina. Migración forzada de colombianos: Colombia, Ecuador, Canadá. Corporación Región, UBC Flacso – sede Ecuador, 2007.
- PÉCAUT, Daniel. Pasado, presente y futuro de la violencia. *Análisis Político*, Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales (IEPRI), Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, nº 30, enero-abril, p. 1-42, 1997.
- RIAÑO-ALCALÁ, Pilar; VILLA, Marta et al. *Poniendo tierra de por medio: migración forzada de colombianos en Colombia, Ecuador y Canadá*. Medellín, Corporación Región, 2008.
- URIBE DE HINCAPIÉ, Maria Teresa. Las palabras de la guerra. *Estudios Políticos*, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, Medellín. n 25, p. 11-34, jul. - dic. 2004.
- VILLAMARTÍNEZ, Marta Inés; SANCHEZ MEDINA, Luz Amparo; JARAMILLO ARBELAÉZ, Ana María. *Rostros del miedo: una investigación sobre los miedos sociales urbanos*. Medellín: Corporación Región, 2003.